



Côa Symposium

Novos olhares sobre a Arte Paleolítica
New perspectives on Palaeolithic Art

Coord.: Thierry Aubry, André Tomás Santos e Andrea Martins
Museu do Côa

4 a 6 Dezembro 2018

Ficha Técnica

Título

Côa Symposium. Novos olhares sobre a Arte Paleolítica

Ano de Edição

2021

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses e Fundação Côa-Parque

Coordenação

Thierry Aubry, André Tomás Santos e Andrea Martins

Design

Paulo Freitas

Imagem de Capa

António Fernando Barbosa

Impressão

AGIR – Produções Gráficas

ISBN

978-972-9451-91-1

Depósito legal

491492/21

Os artigos publicados neste volume são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

O Cõa Symposium contou com o apoio das seguintes entidades a quem muito se agradece:



Índice

Prefácios

- 6 **“When the dreamer dies, what happens to the dream?”**
Aida Carvalho, Presidente do Conselho Diretivo da Fundação Côa Parque
- 7 **Côa Symposium e a importância do Vale do Côa**
José Morais Arnaud, Presidente da Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses

- 8 ***In Memoriam* de Bruno Navarro**

Côa Symposium – Atas

- 15 **Introdução**
André Tomás Santos, Thierry Aubry
- 22 **L'émergence des comportements symboliques en Afrique et en Asie**
Francesco d'Errico
- 52 **The earliest Upper Paleolithic of Southern and Western Iberia is an Evolved, not an Early Aurignacian**
João Zilhão
- 72 **Occupation paléolithique de la vallée du Côa: Néandertal et premiers hommes anatomiquement modernes entrent en scène**
Thierry Aubry, António Fernando Barbosa, Luís Luís, André Tomás Santos, Marcelo Silvestre

- 94 Dating the Côa Valley rock art 25 years later: an archaeological and geoarchaeological approach**
André Tomás Santos, António Fernando Barbosa, Luís Luís, Marcelo Silvestre, Thierry Aubry
- 128 Arte al aire libre del interior peninsular**
Rodrigo de Balbín Behrmann, Jose Javier Alcolea González
- 154 Something other than hand stencils. Horse representations in the cave of Fuente del Trucho (Huesca, Spain)**
Pilar Utrilla, Manuel Bea
- 172 El Arte de La Frontera: Un territorio con arte solutrense en Asturias**
José Adolfo Rodríguez Asensio
- 198 La Cueva de Ambrosio (Vélez-Blanco, Almería, Espagne) et le Solutréen dans le Sud de la Péninsule Ibérique**
Sergio Ripoll López, Francisco J. Muñoz Ibañez
- 224 Les abris ornés paléolithiques du Périgord**
Brigitte et Gilles Delluc
- 254 Du nouveau sous le soleil : les abris sculptés solutréens et magdaléniens du grand sud-ouest français**
Geneviève Pinçon, Camille Bourdier, Oscar Fuentes
- 272 The Gondershausen petroglyphs in the Hunsrück (Germany) – 7 years after the press conference!**
Wolfgang Welker
- 290 From Mazouco to Foz do Tua and Passadeiro. Continuities and changes in hunter-gatherers and early farmers of the lower Douro river basin (Portugal) revealed through rock art**
Maria de Jesus Sanches, Joana Castro Teixeira
- 316 L'art paléolithique en plein air sur d'autres continents**
Paul G. Bahn
- 334 Art rupestre, si près et si loin**
Denis Vialou
- 348 Recherches sur le site d'art rupestre de Dampier (Australie Occidentale)**
Michel Lorblanchet
- 362 L'art du Côa, d'une émotion l'autre**
Dominique Sacchi
- 374 Presente y futuro en la gestión del arte rupestre paleolítico en Cantabria**
Daniel Garrido Pimentel
- 386 De la grotte Chauvet à la grotte Chauvet 2 – Ardèche : Le premier grand chef d'œuvre de l'humanité à la portée de tous**
Valérie Moles
- 404 A Associação dos Arqueólogos Portugueses e o Vale do Côa – um longo percurso pela defesa e divulgação do Património**
José M. Arnaud, Andrea Martins



in Memoriam
de Bruno
Navarro

Malpartida...

A pouco mais de 50 km de Lisboa encontram-se duas vilas cujas idiossincrasias dos seus habitantes os distinguem até dos das povoações mais próximas. A mais evidente dessas idiossincrasias será a forma particular do seu falar, que é facilmente reconhecível pelo ouvido conhecedor. Os ouvidos conhecedores, contudo, não abundam, e desde 1995 – quando deixei uma dessas povoações – até 2004 nunca ninguém me tinha perguntado se eu era de Aveiras de Cima ou de Vale do Paraíso!

O autor dessa pergunta era o Bruno Navarro que, com ela não só demonstrou a “argúcia” do seu ouvido, como, parafraseando Claude Rains, encetou assim uma bela amizade.

O bom ouvido do Bruno terá sido parcialmente responsável por um dos nossos interesses comuns – a música. Outro, com ainda mais pontos de contacto, era o cinema. A nossa última conversa sobre o tema foi em Setembro último quando nos lamentávamos sobre o encerramento dos cinemas, vieram à baila os últimos filmes que tínhamos conseguido ver em sala e o Bruno me contou e ao Thierry uma história deliciosa que não destoaria num filme como *Amarcord*. Contudo, entre os interesses comuns que vieram a ter mais impacto na nossa colaboração futura contavam-se os problemas ligados à investigação em Ciências Humanas. De facto, embora trabalhando em áreas de estudo diferente sempre nos apercebemos que alguns problemas ligados às condições de produção das ciências sociais eram transversais. Pese embora esta consciência, não imaginava na altura que este mútuo interesse pela investigação viesse a dar origem a tão importantes frutos, de que o livro que o leitor tem nas mãos será um dos mais evidentes.

Não imaginava isso, mas foi com agrado, e a contracorrente da maioria da comunidade arqueológica, que recebi a notícia que o Bruno Navarro seria o Presidente da Fundação Côa Parque. Afinal, o que dele conhecia dava-me esperança que algo pudesse mudar na instituição, não só ao nível da investigação, mas também do ambiente não longe de um certo “Mcartismo” que ali se vivia desde há uns anos àquela parte. De facto, os meus anos de convivência com Bruno (mais esporádica depois de 2009) garantiam-me que ele era um Democrata praticante. Sublinho praticante, porque estes são raros, ao contrário dos muitos que o são apenas da boca para fora. De facto, o Bruno era alguém que convivia bem com a diferença política e que sabia que as divergências que pudéssemos ter a esse respeito não nos impediriam de trabalhar frutuamente em conjunto nem de conservarmos uma profunda amizade.

Estes pouco mais de três anos que decorreram desde que o Bruno se juntou ao projeto do Côa farão com certeza História, até porque o que ele criou, ou ajudou a criar, transbordou largamente os limites do Vale do Côa. A arte do Côa quase que perdeu um valiosíssimo ativo, o país quase que perdeu um Democrata e eu quase que perdi um Amigo. Escrevo “quase” porque o Bruno ainda anda por aí, designadamente nas páginas deste livro que sem ele não existiria. Ter consciência disto atreve-me a acabar esta evocação do meu Amigo Bruno com um *pasticcio* de Vinicius de Moraes e que lembre o leitor que se a vida não é para sempre, convém que seja eterna enquanto dura.

André Tomás Santos

Coorganizador do 1º Côa Symposium

Não foi propriamente com agrado, mas com muita expectativa que recebi a notícia da nomeação do Bruno como Presidente da Fundação, depois de mais de um ano de tergiversações e durante o qual se sucediam as notícias que faziam temer o possível fim do projeto Côa, de que a simbólica notícia da “Penhora da Loja do Museu” é exemplo. Este fracasso, desejado e preparado por parte de uma elite cultural com pouca sensibilidade para a cultura extra muro, aparecia com cada vez mais frequência e consistência.

O meu reencontro com o Bruno aconteceu antes da sua apresentação oficial no auditório do Museu do Côa, em julho de 2017 quando, na companhia do João Zilhão, regressava da escavação na Cardina. Esta curta entrevista no corredor, durante a qual o Bruno trazia debaixo do braço um espesso dossier sobre o funcionamento e os funcionários da Fundação, deu para perceber que Bruno vinha realmente com ideias novas, estava bem enquadrado e preparava-se para seguir um caminho bem definido que passava por um elevado nível de exigência e pela obtenção de resultados, também ao nível da investigação.

E estes resultados, de facto, apareceram. O Bruno, com o seu olhar de historiador, acompanhou-os de perto, percebeu as suas implicações e garantiu os meios para melhor os divulgar.

Durante um almoço em Malpartida em setembro 2020, para além da narração do espetacular incidente dos foguetes de Vilar Amargo aludido anteriormente pelo André, o Bruno também esclareceu e argumentou as opções e algumas das decisões que marcaram a sua passagem no Côa. Mas o Bruno espantou-nos igualmente com a manifestação da sua vontade em não querer fazer um segundo mandato à frente da Fundação. Afinal, em menos de 3 anos, ele tinha conseguido apagar as notícias da penhora da Loja e dar o devido relevo ao regresso do António Guterres. Desde que entrou, a investigação arqueológica pura e dura – como foi pejorativamente descrita por alguém que por lá passou – foi considerada como um elemento fundamental para o reforço do reconhecimento internacional da Instituição e pedra-mestra da sua política de divulgação e de promoção de parcerias.

Pela sua capacidade de trabalho, de decisão, de oferta de oportunidades, mas também pela exigência de resultados extensível a toda a equipa que escolheu participar no projeto Côa, o Bruno conseguiu adquirir e garantir o respeito dentro e fora da Instituição.

Dar oportunidade de ouvir todas as opiniões relativas a uma mesma questão – uma verdadeira prática da Democracia – era também um dos objetivos do 1º Côa Symposium que, sem o Bruno, nunca teria acontecido e, conseqüentemente este livro não estava agora nas nossas mãos.

Thierry Aubry

Coorganizador do 1º Côa Symposium

Bruno Navarro, um homem de sonhos e causas, com os pés assentes no território

Bruno Navarro foi inspirador como Presidente da Fundação Côa Parque. Ele sentiu, desde o início do seu mandato, que a Fundação poderia ser um motor efetivo de desenvolvimento territorial, num território vulgarmente designado por de interioridade. Na verdade, ele sempre teve a certeza de estes territórios de baixa densidade são extremamente ricos em recursos naturais e apenas necessitam de oportunidades para demonstrarem todo o seu valor. Talvez pelo facto de ter crescido neste território, ele compreendeu-o melhor do que ninguém e conseguiu ser sempre um seu embaixador, empenhando e convicto da sua potencialidade e grandiosidade.

Neste período a Fundação abriu-se aos pequenos e grandes produtores do território, como montra de divulgação e comercialização dos seus produtos, permitindo-lhes a reconhecida projeção. Neste período a Fundação passou a ser uma plataforma de valorização de todos estes recursos. Aqui, cada empresa e cada família era fator de preocupação do Bruno, porque para ele era fundamental que esta fosse efetivamente uma estrutura de reforço de oportunidades.

Acresce a isto que o Prof. Bruno Navarro conseguiu introduzir novas leituras sobre os conceitos de preservação e valorização de um património cultural, de grandiosidade inquestionável e projeção internacional, que não se queria estático, mas em diálogo com diferentes áreas de conhecimento e com todos os agentes do território. Ele reforçou, inquestionavelmente, o diálogo da Fundação com a investigação científica, dando-lhe reconhecida centralidade.

Ele foi um homem de diálogo. Acolhia-nos sempre com o seu sorriso contagiante, como se fôssemos amigos de longa data. Era um positivista, por natureza. A identificação do que era realmente importante e a definição constante de sonhos para concretizar, foram sempre o motor da sua ação. Ele era um homem de inovação. A rotina encontrava nele um adversário, pela sua constante busca de novidades.

Foi francamente bom e inspirador ter trabalhado com o Bruno Navarro. Ser Vice do Bruno era fácil porque apenas tínhamos de nos deixar seguir pela sua abordagem contagiante e pela sua avidez em viver a vida e em concretizar projetos. Era fácil, porque apenas tínhamos de nos deixar contagiar. A Fundação Côa Parque, e toda a sua equipa, está-lhe grato e reconhece-o como um marco na história desta instituição. Ele é um amigo presente. Os amigos só partem quando nós permitimos que isso aconteça. E nós certamente não permitiremos porque ele se mantém presente entre nós. As memórias do passado também nos ajudam a construir o presente.

Domingos Lopes

Vice-presidente do Bruno Navarro na Fundação Côa Parque

Il y a peu de mots pour exprimer notre tristesse suite au grand vide laissé par la disparition subite de Bruno NAVARRO.

Nous avons perdu un ami avant tout, mais également un partenaire essentiel de nos projets de coopération internationale.

Pussions-nous garder, en souvenir de Bruno, sa passion dévorante pour la recherche et l'enseignement, son ardeur à entreprendre et à innover dans les domaines de la culture et plus largement, dans tous les aspects de la vie locale, son dynamisme, sa capacité à construire des projets et à fédérer autour de lui, et surtout cette appétence pour les plaisirs de la vie qu'il nous a si souvent fait partager à l'occasion de nos nombreuses rencontres professionnelles et pour notre plus grand plaisir.

Nous partageons avec Bruno NAVARRO des engagements respectifs autour du patrimoine et une volonté commune d'échanger, de partager et surtout de transmettre l'héritage extraordinaire que nous ont laissé les premières communautés établies sur le continent européen, et à travers elles, le travail de ces hommes et de ces femmes qui durant des millénaires ont gravé des œuvres sur des parois, dans les grottes ou à l'air libre, nous démontrant ainsi toute leur intelligence et leur sensibilité.

Il est formidable de penser que ces premiers gestes de l'humanité nous unissent encore aujourd'hui et nous amènent sans cesse à reconsidérer l'Homme, non pas comme un tout, mais comme une partie d'un tout lié intimement à l'environnement dans lequel il vit.

Bruno NAVARRO, par les fonctions qu'il occupait à la Fondation CÔA et par ses travaux d'enseignement et de recherche, a très largement contribué à faire revivre ce patrimoine commun et cette histoire passée dans un esprit d'humilité et d'échange mutuel auquel je souhaite rendre hommage.

Je tiens, par ces quelques lignes, à honorer l'homme qu'il était et plus particulièrement son esprit résolument européen, humaniste et collaboratif.

Pussions-nous poursuivre sur cette voie, enrichir nos coopérations, lier nos institutions et nos territoires respectifs dans cet esprit de fraternité qui était le sien.

Germinal Peiro

Président du Conseil départemental de la Dordogne

Presidente do «Itinerário Cultural do Conselho da Europa, Prehistoric Rock Art Trails – PRAT/CARP»

A leveza de ser. Em memória do Bruno

O Bruno deixou-nos prematuramente em Janeiro de 2021, num tempo difícil e pesado para o mundo inteiro. Era um historiador de elevadíssima qualidade e reconhecido mérito que dominava na perfeição todos os utensílios do *métier*, das metodologias aos conceitos, das grelhas teóricas às fontes; fez o mestrado em História Política Contemporânea, com uma tese premiada, mas escolheu ser historiador da tecnologia. E assim se apresentava de forma firme

como se nem considerasse ou pudesse ser outra coisa.

Doutorou-se em História, Filosofia e Património da Ciência e da Tecnologia pela NOVA *School of Science and Technology* FCT-NOVA, com uma tese sobre o contributo da engenharia portuguesa para a apropriação e gestão do território colonial africano entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. A dissertação, com o título *Um Império projectado pelo “silvo da locomotiva”*, foi publicada na coleção CIUHCT (o seu centro de investigação de sempre) pela editora Colibri, constituindo um contributo incontornável para a história dos caminhos de ferro coloniais portugueses. Apresentou e publicou estudos, artigos e capítulos sobre diversos aspetos das linhas ultramarinas, incluindo sempre a sua dimensão técnica nos quadros mais abrangentes das opções políticas, económicas e diplomáticas.

Para além deste perfil académico de elevadíssima qualidade e reconhecido mérito, o Bruno era um colega e um amigo estimado por todos que com ele conviviam. Era uma pessoa leve: porque tinha uma boa disposição envolvente, um humor fino e certo e uma afabilidade infinita; porque tinha uma ousadia divertida, que o caracterizava como pessoa e como investigador; porque nunca via os obstáculos como impedimentos; era leve porque tinha paixão pelo que fazia.

Terão sido estas características que me levaram a escolhê-lo como bolsheiro de um projeto sobre ciência, tecnologia e império que dirigi em 2000. Por empatia de temperamentos e de interesses de investigação, nunca mais, ao longo destes 21 anos, deixámos de colaborar.

Quando assumiu o cargo de presidente da Fundação Côa Parque imediatamente nos desafiou, de forma entusiasmada e com aquele sorriso algo travesso que antecipava o prazer da colaboração, a fazermos “algo giro” no “seu” Côa, marcado pelas paisagens, vinhos e comida deslumbrantes e, claro, pelas pinturas rupestres.

Para os que com o Bruno conviveram mais de perto, são as pequenas histórias, os pequenos episódios e as cumplicidades que construiu com cada um de nós que permanecerão mais vivas na nossa memória: enquanto sua orientadora, desafiá-lo (sem sucesso) para cortar para metade as 1493 notas de rodapé da tese (cada uma com várias linhas e algumas até diversos parágrafos – o amor do Bruno por notas de rodapé sempre foi um bom motivo para arrancar dele aquela gargalhada que todos conhecíamos); vê-lo conseguir negociar (com sucesso) uma rodada de vodka em São Petersburgo com o dono do restaurante sem partilharem uma língua comum ou olharmos silenciosamente para a paisagem do Côa da janela do seu gabinete após uma animada discussão sobre o Antropocénico.

Para sempre, fica a memória da nossa colaboração como algo de muito parecida com as suas famosas notas de rodapé: longa, interessante, divertida e cheia de surpresas.

Maria Paula Diogo

Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia (CIUHCT) da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade NOVA de Lisboa

